

Cosmicismo e reconfigurações do horror em *A Noite Amarela* (2019)¹

Ícaro Ricarte²

Marcelo Monteiro Costa³

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

O presente trabalho analisa o filme paraibano *A Noite Amarela* (2019) à luz do horror cósmico, subgênero literário e cinematográfico que enfatiza a insignificância humana diante de um universo incompreensível. A partir de uma abordagem teórico-analítica, investiga-se como o longa mobiliza elementos narrativos, visuais e sonoros para construir uma atmosfera de colapso da realidade. O estudo destaca como o filme insere o horror lovecraftiano em um contexto nordestino, promovendo uma experiência estética e filosófica fora das convenções tradicionais do gênero.

PALAVRAS-CHAVE: horror; cosmicismo; cinema; lovecraft.

INTRODUÇÃO

O horror cósmico é um subgênero da ficção de terror cujas raízes se entrelaçam com a obra do escritor estadunidense Howard Phillips Lovecraft (1890–1937) e sua concepção filosófico-literária do cosmicismo. Diferente de outras formas mais tradicionais de horror, centradas em ameaças sobrenaturais de origem religiosa ou na violência explícita, o horror cósmico distingue-se por sua ênfase na insignificância humana frente a um universo indiferente, ininteligível e regido por forças ancestrais e inomináveis (SCOTUZZI, 2017). Trata-se de uma estética que se constrói sobre a contemplação do desconhecido e a percepção de um cosmos hostil, cujas leis escapam à lógica e à moralidade humanas, produzindo narrativas nas quais o terror emerge da revelação de que a realidade, em sua essência, é caótica e incompreensível.

A gênese do horror cósmico pode ser localizada em uma linhagem de autores do século XIX e início do século XX, como Edgar Allan Poe, Algernon Blackwood, Arthur

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação, 9º semestre do curso de Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: icaro.ricarte@ufpe.br.

³ Orientador do trabalho, professor e pesquisador do Departamento de Comunicação Social da UFPE, e-mail: marcelo.monteiroc@ufpe.br.

Machen e Robert W. Chambers, cujas obras já flertavam com um tipo de horror vinculado ao mistério ontológico e ao sagrado arcaico. No entanto, é com Lovecraft que esse impulso atinge uma formulação sistemática, ancorada a um projeto literário e teórico que buscava se emancipar do horror gótico e do sobrenatural tradicional (SCOTUZZI, 2017). A fusão entre a literatura fantástica e a especulação científica moderna - notadamente motivada pelos avanços na física e na astronomia da época - permite o surgimento de histórias que desconstroem a centralidade do sujeito e instauram o assombro como resposta à percepção do próprio desamparo existencial.

O horror cósmico não se limita a uma tradição literária, estendendo-se a outros domínios da cultura, como os quadrinhos, as artes plásticas, os jogos eletrônicos e, principalmente, o cinema (MENON JUNIOR, 2023). Filmes que exploram a fragilidade da razão diante do indizível, o colapso das fronteiras entre tempo e espaço, bem como a irrupção de entidades ou forças não-humanas, repercutem a permanência e a adaptabilidade do mito cosmogônico.

No cinema brasileiro, o filme paraibano *A Noite Amarela* (2019), dirigido por Ramon Porto Mota, traz elementos desse medo do desconhecido ao contar a história de um grupo de jovens em uma ilha isolada no Nordeste brasileiro. Ao invés de recorrer a monstros ou violência gráfica, o filme assume uma atmosfera de inquietação, onde uma força invisível e inexplicável ameaça os personagens. Além disso, a obra questiona modelos tradicionais de horror, muitas vezes baseados em produções europeias ou estadunidenses, propondo uma linguagem enraizada no imaginário nordestino (SILVA, 2021).

Para analisar esses elementos, adotaremos uma abordagem teórico-analítica, combinando os conceitos do horror cósmico - como proposto por Lovecraft e por pesquisadores de sua obra - com análise fílmica. Serão examinados aspectos como narrativa, atmosfera e construção de suspense, além de como o filme reinterpreta as convenções do gênero a partir do contexto cultural da Região Nordeste do Brasil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O horror, enquanto categoria estética e narrativa, distingue-se de outras formas ficcionais que apresentam criaturas extraordinárias por um elemento central: a reação afetiva suscitada tanto nos personagens quanto no público (CARROLL, 1999). Não se

trata apenas da presença de seres anômalos ou sobrenaturais, mas da forma como esses seres irrompem em um universo diegético que os considera ontologicamente inaceitáveis. Assim, diferentemente dos contos de fadas ou de narrativas de ficção científica, onde figuras fantásticas são naturalizadas no contexto do mundo representado, o horror se configura pela ruptura da ordem conhecida e pela percepção de que aquilo que se manifesta é uma ameaça radical à estabilidade da realidade.

A eficácia do horror reside, portanto, na convergência emocional entre personagens e espectadores. A experiência de medo, repulsa ou assombro é construída por meio da identificação com personagens que reconhecem o acontecimento ou entidade como uma perturbação da normalidade. Esse alinhamento emocional não pressupõe a crença na existência do monstruoso, mas sim a adesão afetiva a uma lógica interna que exige a reação de espanto, estranhamento ou recusa (CARROLL, 1999).

É a partir dessa compreensão que podemos avançar para uma abordagem específica dentro do gênero: o horror cósmico. Trata-se de uma forma de expressão artística que mobiliza elementos da ficção científica para evocar o terror, substituindo gradualmente o sobrenatural tradicional por entidades e fenômenos cuja origem é extra-humana e, frequentemente, incompreensível aos parâmetros da racionalidade (DUTRA, 2015).

Essa forma de horror não se limita à referência direta a um universo mitológico específico, mas está enraizada em uma atmosfera de estranhamento e insignificância existencial. A experiência de medo, nesse contexto, deriva do confronto com forças que excedem qualquer estrutura de compreensão, revelando um cosmos indiferente à existência humana e regido por leis que escapam à lógica empírica (SCOTUZZI, 2017). O monstro, aqui, é a manifestação da falência das categorias com as quais o ser humano tenta ordenar o mundo.

Narrativamente, a construção desse tipo de horror se dá por meio de estratégias que sugerem mais do que mostram, recorrendo à suspensão do visível e à fragmentação dos relatos (DUTRA, 2015). A recorrência de narradores pouco confiáveis e documentos inacabados reforça o sentimento de incerteza e a precariedade do conhecimento diante do abismo do desconhecido. A linguagem, por sua vez, mostra-se insuficiente para nomear ou descrever aquilo que ultrapassa os limites da experiência ordinária.

Com o passar das décadas, o horror cósmico encontrou terreno fértil em outras mídias, especialmente no cinema, onde seus elementos temáticos foram apropriados, ressignificados e incorporados a novas narrativas. O termo “horror lovecraftiano” passou a ser utilizado de maneira ampla e, por vezes, imprecisa, tanto por estudiosos quanto por apreciadores do gênero (DUTRA, 2015). Tal expressão refere-se, simultaneamente, ao conjunto de temas característicos e ao estilo narrativo próprio de H.P. Lovecraft - que podem ser reconhecidos mesmo na ausência de referências diretas ao corpus literário do autor.

O caráter difuso da definição do horror lovecraftiano permite que ele seja reconhecido em diversas obras, unidas não por um enredo comum, mas por uma experiência estética compartilhada: a sensação de insignificância diante do cosmos, a falência da razão e o colapso da realidade. Esses elementos são reconfigurados conforme o meio, a cultura e o tempo em que se inserem, tornando o horror cósmico uma linguagem em constante mutação.

METODOLOGIA

No cinema de terror brasileiro contemporâneo, observa-se uma aproximação, ainda que modesta, tensionando os limites entre o real e o irreal, explorando dimensões afetivas e familiares como portais para forças que escapam à compreensão racional. O caso de *A Noite Amarela* (2019) é particularmente emblemático: o filme articula juventude, memória e dissolução da identidade em um enredo que, embora ancorado em uma paisagem nordestina, evoca um tipo de terror cósmico que prescinde de criaturas monstruosas para instaurar a sensação de que há algo profundamente errado no tecido da realidade.

O horror lovecraftiano adquire contornos próprios, dialogando com questões locais, sociais e afetivas, sem perder sua vocação primordial: confrontar o humano com aquilo que está além de sua compreensão. Dessa forma, adotamos uma abordagem metodológica baseada na análise fílmica a partir das lentes do horror cósmico. O objetivo é compreender como o longa-metragem paraibano mobiliza elementos formais e temáticos do subgênero lovecraftiano para construir uma atmosfera de inquietação existencial.

A análise baseia-se em categorias narrativas, visuais e sonoras, observando o uso da espacialidade, do tempo, da cor, do som e da montagem na construção de um ambiente aberto à especulação metafísica. Por fim, busca-se compreender de que maneira *A Noite Amarela* exemplifica uma ruptura com os modelos tradicionais do gênero - causando uma crise epistemológica no próprio entendimento do que é o horror no cinema. Essa estratégia interpretativa pretende expandir o campo de reflexão sobre as formas como o cinema nacional atual reconfigura o horror em chave filosófica, existencial e estética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida permite afirmar que *A Noite Amarela* se configura como uma manifestação do horror cósmico no cinema brasileiro contemporâneo. O filme de Ramon Porto Mota evidencia uma atmosfera de colapso ontológico ao recusar explicações claras, evitar a exposição gráfica da ameaça e subverter as expectativas narrativas do horror convencional.

A sequência em que uma das personagens encontra uma fita cassete, na qual um homem discorre sobre conceitos de física relacionados à relatividade do tempo, opera como catalisador temático e simbólico da lógica cósmica que rege a diegese. Nesse momento, o discurso científico desloca-se de sua função explicativa para tornar-se indício de um saber fronteiriço, que ameaça desestabilizar a própria experiência da realidade. Trata-se de uma fala que sugere mais do que esclarece, instaurando o abismo cognitivo que é central ao horror cósmico.

Outro momento emblemático é a sequência na qual os personagens caminham pela praia, perdidos em meio a uma escuridão opressiva, iluminados apenas por uma luz amarela espectral. A cor, recorrente ao longo do filme, adquire aqui uma dimensão sensorial de uma força que supera a percepção humana. A praia, espaço liminar entre terra e mar, torna-se um não-lugar, um entre-tempo onde a linearidade narrativa se desfaz, evocando a dissolução da ordem empírica do mundo.

No desfecho, a fragmentação dos personagens no tempo e no espaço, somada à perda de identidade e de coesão narrativa, concretiza a lógica lovecraftiana de horror. Não há explicação ou resolução: há apenas o desaparecimento do eu diante de uma realidade que se revela irremediavelmente incompreensível. A ilha, que inicialmente

poderia remeter a um espaço de reencontro ou nostalgia juvenil, revela-se como cenário de uma desconexão radical entre sujeito e mundo.

Dessa forma, *A Noite Amarela* reinscreve os elementos centrais do horror cósmico em um contexto cultural específico, tensionando o imaginário do Nordeste brasileiro com uma estética de estranhamento existencial. Ao propor uma experiência de medo ancorada na percepção do indizível, o filme reconfigura o horror como linguagem filosófica e especulativa, inserindo-se com originalidade no campo do cinema de gênero nacional.

REFERÊNCIAS

A NOITE AMARELA. Direção: Ramon Porto Mota. Campina Grande: Vermelho Profundo Produções Audiovisuais, 2019.

CARROLL, Noël. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999.

DUTRA, Daniel Iturvides. **O horror sobrenatural de HP Lovecraft: teoria e praxe estética do horror cósmico**. 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MENON JUNIOR, Walter. **Horror Cósmico e exterioridade radical - algumas observações sobre Lovecraft a partir da leitura da obra H. P. Lovecraft: La Disyunción en el Ser**. Revista Científica/FAP, Curitiba, v. 28, n. 1, p. 299–316, 2023.

SCOTUZZI, Nathalia Sorgon. **Relances vertiginosos do desconhecido: a desolação da ciência em HP Lovecraft**. 2017. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2017.

SILVA, Gabriel Cardoso Borges. **A renovação do cinema de horror no Brasil: permanências e mutações do gênero a partir de 2008**. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.